

ANÁLISE

04/2024

JUNHO DE 2024



**A MULTIPOLARIDADE
NA AMÉRICA LATINA
E CARIBE (ALC) E
SEUS REFLEXOS
NA DEFESA E
SEGURANÇA**

A ANÁLISE

A PUBLICAÇÃO “ANÁLISE”, CONFORME O PRÓPRIO NOME INDICA, DESTINA-SE A ANALISAR EVENTOS CORRENTES OU SITUAÇÕES, A FIM DE CONTRIBUIR PARA O ENTENDIMENTO DA CONJUNTURA ATUAL. TRATA-SE DE UMA PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DO EXÉRCITO (CEEEX) SEM PERIODICIDADE DEFINIDA, QUE OBJETIVA DAR VOZ AOS ANALISTAS DO CEEEX.

ESTA PUBLICAÇÃO APRESENTA UMA SUMARIZADA ANÁLISE ACERCA DO AMBIENTE DE SEGURANÇA E DA DEFESA DE 14 PAÍSES DA AMÉRICA LATINA E CARIBE.

NESTE BREVE ENSAIO, BUSCOU-SE DESTACAR ALGUNS ASPECTOS QUE DENOTAM A MULTIPOLARIDADE DECORRENTE DA PRESENÇA E/OU INFLUÊNCIA DE POTÊNCIAS EXTRARREGIONAIS E OCIDENTAIS NA REGIÃO SUPRACITADA.

O AUTOR

RICARDO DIAS LOMBA
CORONEL

OFICIAL DA ARMA DE INFANTARIA (AMAN, 1996). GRADUADO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS (UERJ, 2006). ESPECIALISTA EM INTELIGÊNCIA MILITAR (ESIMEX, 2017) E MESTRE EM OPERAÇÕES MILITARES (ESAO, 2005). FOI ASSESSOR NO GAB CMT EX, INTEGRANTE DA UNMISS E ASSESSOR DO COLÉGIO INTERAMERICANO DE DEFESA (CID/EUA). ATUALMENTE É ANALISTA DO CEEEX.

A 7ª SUBCHEFIA

NO DIA 18 DE FEVEREIRO DE 2022, FOI PUBLICADO, NO BOLETIM DE EXÉRCITO, O DESPACHO DECISÓRIO DO COMANDANTE DO EXÉRCITO, REATIVANDO A 7ª SUBCHEFIA/EME.

COM A MISSÃO FOCADA NO FUTURO DO EB, A 7ª SUBCHEFIA DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO ESTÁ CONSTITUÍDA PELO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DO EXÉRCITO E PELAS SEÇÕES DE CONCEITOS FUTUROS E DE GESTÃO DE CAPACIDADES.

A REATIVAÇÃO FOI RESULTADO DE AMPLO ESTUDO QUE COMEÇOU, EM 2019, COM A CRIAÇÃO DA SEÇÃO “EXÉRCITO DO FUTURO” NA 3ª SUBCHEFIA/EME.



A MULTIPOLARIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE (ALC) E SEUS REFLEXOS NA DEFESA E SEGURANÇA

1 INTRODUÇÃO

A América Latina, historicamente sob influência de potenciais ocidentais, com destaque para os Estados Unidos da América (EUA), está passando por uma transformação significativa em seu panorama geopolítico. A atual conjuntura é marcada pela crescente presença e influência de potências extrarregionais, como Rússia e China, e de países com orientação político-ideológica antiocidental, no caso o Irã, que trazem nova dinâmica de poder às questões de segurança e defesa na região.

Nesse contexto, a China se apresenta como uma potência econômica e tecnológica com crescentes investimentos estratégicos em infraestrutura e segurança. A Rússia fortalece sua presença através de cooperações militares, estabelecendo parcerias estratégicas com países-chave na região. O Irã, embora menos visível, busca influenciar por meio de alianças políticas e culturais que ampliam seu poder ideológico. Essas iniciativas não só desafiam a hegemonia tradicionalmente exercida por potências ocidentais, mas também, introduzem novas camadas de complexidade nas políticas internas e externas dos países latino americanos.

Paralelamente, potências ocidentais como a França e o Reino Unido, lideradas pelos EUA, enfrentam o desafio de redefinir e de reafirmar suas estratégias de influência e de cooperação para responder às iniciativas de potências extrarregionais na região. Na busca da manutenção das relações históricas e do estabelecimento de novas formas de cooperação, esses países objetivam o equilíbrio de questões de segurança no que se refere à soberania regional, em um esforço para preservar seus interesses e alianças tradicionais, especialmente, no âmbito da segurança e de defesa. A interação entre essas múltiplas forças destaca um período de transição e redefinição de estratégias, com implicações profundas para a estabilidade regional.

A análise dessa conjuntura complexa demanda uma compreensão das estratégias de segurança e defesa dos países da América Latina ao manejarem as suas políticas externas e de defesa, diante de múltiplas ofertas de cooperação e assistência militar. O alinhamento geopolítico, neste contexto, não se limita a uma escolha entre Ocidente e Oriente, mas envolve uma avaliação cuidadosa das condições e benefícios oferecidos por cada potência “entrante”, refletindo as aspirações e necessidades estratégicas próprias de cada país latino-americano.

Com o propósito de explorar essas dinâmicas sucintamente, neste trabalho, buscou-se oferecer *insights* sobre como os países latino-americanos

podem navegar neste cenário internacional cada vez mais complexo e multipolar. Assim sendo, pretende-se apresentar algumas interações, oferecendo uma perspectiva sobre as implicações de segurança e defesa decorrentes do realinhamento geopolítico na América Latina, com a participação ou não dos EUA (Mapa 1).

Mapa 1 - Multipolaridade na América Latina e Caribe (Alc)



Fonte: Autor

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 PAÍSES TRADICIONALMENTE ALINHADOS AOS EUA NO CAMPO MILITAR

2.1.1 Chile

Os Exércitos do Chile e dos EUA têm uma cooperação de longa data que inclui a nomeação recíproca de adidos militares, atividades de treinamento

acadêmico e combinados, incluindo a organização do exercício anual Estrela Austral.

Em janeiro de 2023, o Senado do Chile aprovou um acordo de cooperação para pesquisa, desenvolvimento, testes e avaliação de projetos de Defesa entre o Chile e os EUA. O objetivo deste acordo foi fortalecer as relações militares atualmente existentes, para incentivar, facilitar e desenvolver a cooperação científica e tecnológica no setor de defesa. O Governo chileno planeja modernizar aeronaves F-16 do país para o prolongamento da vida útil dos caças, mantendo a capacidade de defesa aérea, bem como ampliar a capacidade da Marinha Chilena com a aquisição de 2 (duas) fragatas.

Em setembro de 2023, ocorreu o Diálogo Político-Militar EUA-Chile anual no Departamento de Estado dos EUA. O diálogo reafirmou o compromisso estadunidense com o estreito relacionamento político-militar bilateral com o Chile, identificou áreas de segurança de interesse mútuo e aprofundou a parceria no tema da segurança marítima, operações de manutenção da paz, defesa e comércio estratégico e partilha de informações. Os encontros refletem o contínuo esforço bilateral para fortalecer a cooperação em áreas estratégicas e enfrentar desafios globais e regionais.

2.1.2 Colômbia

Em 2017, a Colômbia tornou-se um “parceiro global da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)”, sendo o primeiro e único país da América Latina a obter esse status. Esta parceria não implica em ser membro pleno da Organização, mas estabelece um vínculo de cooperação em diversas questões de segurança global, como segurança cibernética, combate ao terrorismo, luta contra a corrupção e segurança marítima. Esse processo pode ter sido resultante da aproximação histórica com os Estados Unidos, que facilitou a parceria com a OTAN.

Como parte da citada parceria, a Colômbia contribuiu com treinamento em desminagem para parceiros da OTAN, compartilhando sua considerável experiência em uma capacidade relevante para exércitos que operam em muitas regiões afetadas por conflitos. A parceria com o organismo contribuiu para a Colômbia aprimorar o preparo suas forças armadas por intermédio de suporte para capacitação, modernização e intercâmbio de melhores práticas e compartilhamento de experiências em áreas técnicas e operacionais.

Em 2022, a Colômbia foi designada como um Aliado Militar Estratégico Extra-OTAN pelos Estados Unidos, um status que realça a cooperação estreita em defesa e segurança entre os dois países. Essa prerrogativa é concedida às

nações que, embora não sejam membros da OTAN, têm relações significativas de cooperação, no nível estratégico, com as forças armadas dos EUA. A cooperação resultou em crescimento significativo principalmente para a Força Aérea Colombiana. O adestramento e algumas capacidades de análises de inteligência foram incrementados a partir de exercícios combinados com as Forças Aéreas de países da OTAN.

Este status não apenas materializa a parceria estratégica entre a Colômbia e os Estados Unidos, mas representa parcela da ampla gama de acordos militares e de segurança entre as duas partes, que influenciam significativamente suas estratégias de defesa e segurança para a região.

Tal aproximação permite que a Colômbia possa obter benefícios específicos em áreas como comércio de defesa e cooperação de segurança. Esse diferencial permite acesso preferencial na aquisição de materiais de defesa excedentes e no acesso a tecnologias de emprego militar dos EUA, assim como na participação em exercícios militares norte-americanos.

A relação entre os EUA e a Colômbia tem sido intensa, com extensa cooperação que abrange o combate ao narcotráfico, contraterrorismo e treinamento militar. Por décadas, os EUA foram um parceiro-chave no apoio aos esforços da Colômbia no combate contra as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e outros grupos armados. Apesar disso, como resultado do esforço de guerra norte-americano na frente ucraniana, a COLÔMBIA tem apresentado baixos índices de disponibilidade de aeronaves. O próprio Ministro da Defesa informou que apenas 40% das aeronaves estão disponíveis. Apesar disso, a cooperação incluiu assistência militar substancial e treinamento, importante na estratégia de segurança nacional colombiana.

No geral, os acordos militares e as políticas de segurança da Colômbia têm priorizado a resolução de conflitos internos e o aprimoramento da segurança nacional em detrimento da defesa externa, com a colaboração de parceiros internacionais, particularmente os EUA. Esses acordos foram essenciais para a modelagem da postura de defesa do país e para sua abordagem na contribuição para a cooperação e estabilidade regionais.

2.1.3 El Salvador

El Salvador tem diversos acordos de cooperação militar com os Estados Unidos, focados em exercícios de treinamento conjunto e parcerias estratégicas voltadas para ampliar as capacidades de segurança e a contribuir para a estabilidade regional.

Uma parte significativa desta cooperação inclui os *Staff Talks* entre os

exércitos dos dois países, que são reuniões regulares para discutir a prontidão e interoperabilidade. Estas discussões têm enfatizado a luta contra ameaças transnacionais, como o combate ao tráfico de drogas e de armas no Pacífico Oriental.

Ainda, El Salvador participa ativamente em exercícios militares regionais, organizados em colaboração com os Estados Unidos, Guatemala e Honduras. Estes exercícios, denominados *CENTAM Guardian*, são projetados para reforçar a cooperação entre as entidades civis e militares em níveis nacional e regional.

Vale mencionar que os EUA têm o *Status of Forces Agreement (SOFA)* com El Salvador, que formaliza as condições legais sob as quais as forças armadas estadunidenses operam em território salvadorenho, com restrições específicas conforme os detalhes do acordo SOFA que podem incluir questões como: jurisdição criminal, direitos de entrada e saída, regras de engajamento, impostos e tarifas, e respeito às leis locais.

No entanto, medidas recentes de segurança, especialmente as detenções em grande escala sob o “estado de exceção” e a construção de uma megaprisão, suscitaram controvérsias sobre violações dos direitos humanos. Estas ações, destinadas a combater a violência de gangues, têm sido criticadas por congressistas norte-americanos por “normalizarem” o desrespeito pelos direitos humanos em nome da segurança. Decorrente disso, em dezembro de 2023, o Congresso dos EUA proibiu o financiamento militar para El Salvador, e impôs várias restrições de ajuda, devido a questões de corrupção, autoritarismo, controle da migração e retrocesso democrático.

No geral, embora El Salvador continue a ser um valioso parceiro de segurança dos EUA no combate às ameaças regionais, o equilíbrio entre medidas de segurança eficazes e a preservação dos direitos humanos continua a ser um desafio significativo.

2.1.4 Guatemala

A Guatemala mantém acordos militares significativos principalmente com os Estados Unidos, que têm como objetivo o fortalecimento da segurança regional e o combate a organizações criminosas transnacionais. As políticas dos EUA para a Guatemala enfocam a proteção de cidadãos americanos, o aumento da segurança para os guatemaltecos, o combate à corrupção, e o apoio ao estado de direito e aos direitos humanos.

Um aspecto relevante da relação entre Guatemala e EUA é o esforço conjunto no combate a organizações criminosas e na redução da violência, incluindo a violência de gênero, para melhorar a segurança dos cidadãos na

Guatemala e na região. Isso inclui programas de treinamento e assistência direta para reforçar as instituições guatemaltecas. Atualmente, o principal interesse norte-americano é conter a migração ilegal, o país é um dos que mais contribui para a imigração ilegal no sub-continente.

Recentemente, a Força Aérea Guatemalteca realizou aquisições importantes, incluindo a compra de helicópteros e veículos leves. Em dezembro de 2022, recebeu dois helicópteros *Subaru Bell 412EPX*. Essas aeronaves são parte de um contrato de Entrega Indefinida/Quantidade Indefinida (IDIQ) assinado entre a Bell Textron e o *U.S. Army Multinational Aviation Special Programs Office* (MASPO). Os Bell 412EPX são equipados para transportar mais suprimentos e realizar operações de forma mais eficiente, e são designados para apoiar missões de resposta a desastres, ajuda humanitária e outras necessidades utilitárias.

Em dezembro de 2023, a Força Aérea Guatemalteca recebeu um helicóptero Bell 429 GlobalRanger, fornecido pelo *U.S. Army Security Assistance Command*. Este helicóptero é equipado para várias missões, incluindo assistência humanitária, busca e resgate, entrega de suprimentos de socorro, e reconhecimento em resposta a desastres naturais e crises humanitárias.

O país tem modernizado sua frota aérea, apesar do inventário militar do país ser relativamente pequeno e composto, principalmente, de equipamentos mais antigos dos EUA. Essas aquisições fazem parte dos esforços contínuos da Guatemala para melhorar suas capacidades de defesa aérea e responder mais efetivamente a desastres naturais e outras necessidades nacionais, usando helicópteros para resgates e aviões para transportar suprimentos essenciais durante crises.

2.1.5 Paraguai

A cooperação militar entre Paraguai e EUA é ampla, abrangendo desde o combate ao terrorismo até a segurança fronteiriça. Desde 2008, o Paraguai tem sido um parceiro ativo dos EUA em iniciativas antiterrorismo, lidando principalmente com a segurança em suas fronteiras porosas, especialmente, a Tríplice Fronteira com Argentina e Brasil, uma área monitorada por ocorrências de atividades ilícitas. Esta cooperação, também, se estende ao combate a organizações criminosas, que têm realizado ataques violentos nas regiões do norte paraguaio. Em MAR 2024, Governo paraguaio e o Departamento Federal de Investigação dos EUA (FBI) assinaram um Acordo de Cooperação para combater o Crime Organizado (CO). O Vice-Ministro de Segurança Interna paraguaia informou que o Acordo permitirá a instalação de um escritório do FBI em ASSUNÇÃO/PY, bem como a criação de um grupo especializado na identificação de ameaças e na prevenção de ações que afetem a segurança interna e regional.

Em 2023, o governo paraguaio firmou um acordo de elaboração do Plano Técnico de Navegabilidade do Rio Paraguai, que concedeu ao Corpo de Engenheiros do Exército dos EUA o direito de operar ao longo do principal componente da Hidrovia Paraguai-Paraná. Essa hidrovia, com seus 4.880 km de extensão, passa por quatro países (Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai) e é a segunda maior via navegável da América do Sul. Este acordo é parte de uma estratégia mais ampla para a gestão e o desenvolvimento da hidrovia, visando à melhoria da infraestrutura e da navegabilidade, da gestão de recursos hídricos e prevenção de inundações, do desenvolvimento econômico e cooperação bilateral, e da segurança regional. A cooperação entre os países sul-americanos e os EUA no controle da Hidrovia Paraná-Paraguai, rota comercial para exportações agrícolas e de minerais, pode ser interpretada como a tentativa dos norte-americanos manterem preponderância nas relações com os países do Cone Sul.

Estes acordos refletem o interesse do Paraguai em diversificar suas parcerias militares e fortalecer suas capacidades de defesa, enquanto também enfrenta desafios internos significativos relacionados ao crime organizado e à segurança das suas fronteiras.

2.2 PAÍSES TRADICIONALMENTE ALINHADOS AOS EUA QUE ESTÃO RECEBENDO INFLUÊNCIA MILITAR DA RÚSSIA, CHINA E IRÃ

2.2.1 Argentina

Os EUA têm várias motivações para aumentar sua presença no Cone Sul e em outras partes da América Latina. Em 2024, o financiamento de defesa estadunidense para a cooperação em segurança com a Argentina ultrapassa os US\$ 625 milhões, concentrando-se em áreas-chave de interesse mútuo, como o desenvolvimento profissional e de capacidades, a defesa cibernética e a preparação para catástrofes. Em AGO 23, o Departamento de Estado dos Estados Unidos autorizou os argentinos a adquirirem 4 (quatro) aeronaves de patrulha marítima *Lockheed* P-3 Orion utilizadas pela Força Aérea Real Norueguesa e até 25 (vinte e cinco) caças F-16A/B da Força Área Dinamarquesa. As aeronaves serão entregues em lotes, com início previsto para 2025. Estima-se que os caças serão equipados com mísseis ar-ar e armas guiadas ar-superfície, possuindo raio de ação de 860 km. Essa última aquisição representa um passo significativo no esforço da Argentina para modernizar sua força aérea, substituindo aeronaves mais antigas e aumentando sua capacidade de defesa aérea.

Em junho de 2023, a Força Aérea Argentina (FAA) recebeu um Hércules C-130H TC-60 para ser incorporado junto à 1ª Brigada Aérea. A

aeronave foi fabricada em 1989 e serviu na Força Aérea dos Estados Unidos e na Guarda Aérea Nacional. A aquisição foi feita na forma de *leasing* com opção de compra, embora a FAA tenha o plano de modernizá-lo, para que atinja o mesmo padrão de capacidade dos demais Hércules orgânicos. Em março de 2024, as autoridades argentinas assinaram um memorando de entendimento (MOU), no qual o Corpo de Engenheiros do Exército dos EUA se envolveria em tarefas de manutenção da hidrovía Paraná-Paraguai. O foco do acordo é melhorar a eficiência e a transparência na gestão das vias navegáveis, além de fortalecer os processos administrativos para garantir seu bom funcionamento. Futuras colaborações de segurança, também, estão previstas para essa infraestrutura crítica, com objetivo de ampliar a proteção das operações portuárias e de navegação pela Argentina.

No dia 4 ABR 24, o presidente da Argentina acompanhado da Comandante do Comando Sul (SOUTHCOM) visitaram a Base Naval Integrada Almirante Berisso, localizada em *Ushuaia, Tierra del Fuego, Argentina*. Essencialmente, a referida Base é um centro logístico de importância para o acesso à Antártida Argentina e está situada na margem argentina do Canal de Beagle. Nessa visita, foi anunciada a expansão significativa da base que substituirá a atual. Este novo complexo incluirá um cais militar de 15.000 (quinze) metros quadrados e está planejado para ser construído em duas fases. A expansão visa melhorar a capacidade logística e de manutenção para as operações navais e de apoio à Antártida. A infraestrutura deve ser considerada importante para fortalecer o acesso à Antártica e, em última instância, salvaguardar as rotas marítimas vitais para o comércio global, que passam pelo Estreito de Magalhães.

Segundo acordos assinados entre 2012 e 2014, a China mantém uma base de observação espacial concluída em 2017, com uma antena de 16 andares construída em 200 hectares na província de Neuquén, para cooperação tecnológica espacial entre os dois países, a princípio, sem fins militares. O governo argentino afirmou que procurará realizar inspeções técnicas na base espacial chinesa em Neuquén. Apesar da divulgação de objetivos não militares, a estação na Patagônia é gerenciada pela empresa *China Satellite Launch and Tracking Control General (CLTC)*, que se reporta à Força de Apoio Estratégico do Exército Popular de Libertação (ELP).

Outro local estratégico é a Estação *Malargüe*, instalação da Agência Espacial Europeia (ESA) conhecida como *Deep Space Antenna 3 (DSA 3)*, localizada na província de Mendoza, na Argentina. No acordo para instalação, a ESA disponibiliza à Argentina 10% do tempo de antena para os seus projetos científicos nacionais. A *Comisión Nacional de Actividades Espaciales (CONAE)* da Argentina é responsável por coordenar o uso dos 10% do tempo de antena

previsto no acordo. Ela é uma das três estações globais da ESA, que, juntamente com as de *Cebreros*, na Espanha, e *New Norcia*, na Austrália, garante a cobertura contínua e comunicação eficaz com missões de exploração do sistema solar, além de suas funções primárias de rastreamento de espaçonaves e coleta de dados científicos.

Em ABR 24, a Argentina formalizou o processo de aprovação para ser incluída como “parceiro global” da OTAN. O principal objetivo desse processo é fortalecer suas ligações, buscando modernizar suas forças armadas e elevar seus padrões ao nível da Aliança Militar. Isso envolve uma série de ações voltadas para alinhar as estruturas, procedimentos e doutrinas das Forças Armadas Argentinas com os da OTAN. As principais áreas de colaboração incluem participação em missões de paz, modernização e treinamento das forças armadas, além de melhorias na defesa cibernética e estratégias conjuntas contra desinformação. Na área da cooperação em tecnologia e equipamento militar, a Argentina escolheu os sistemas de artilharia Elbit ATMOS em detrimento do CAESAR francês para a modernização de sua artilharia, refletindo um interesse em diversificar suas parcerias internacionais e modernizar seu equipamento militar.

Na Argentina, China e EUA refletem as suas estratégias geopolíticas mais amplas. A China pretende proteger as suas redes globais de logística e comunicações, enquanto os EUA se concentram em colaborações de segurança para neutralizar potenciais ameaças em suas áreas de interesse e influência. O posicionamento estratégico e os recursos da Argentina fazem dela um ator significativo na dinâmica de poder exercida por essas potências globais, na América do Sul.

No que se refere à segurança, no corrente ano, representantes de órgãos de Inteligência dos EUA, Israel e Alemanha estiverem em Buenos Aires para fechar um acordo com a Agência Federal de Inteligência da Argentina (AFI), sobre troca de informações relacionadas com ameaças terroristas. O combate ao tráfico de drogas é outro foco desta aproximação, particularmente, na área da Tríplice Fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai), onde os rios Iguazu e Paraná convergem. Vale ressaltar que as FA argentinas têm operado nessas regiões com apoio logístico. Ressalta-se que foi encaminhada ao Congresso Argentino, uma proposta para retorno de emprego das FA na segurança interna.

Ainda em março de 2024, houve intervenção do governo argentino e mudanças significativas na estrutura da AFI, conforme detalhado por meio de recentes decretos governamentais. Essas mudanças visam aprofundar a profissionalização da AFI, fortalecer suas relações internacionais e reforçar o papel da Inteligência de acordo com os interesses estratégicos definidos pelo Presidente.

Os esforços apresentados demonstram uma estratégia mais ampla para

revitalizar e modernizar as forças armadas argentinas, que enfrentaram desafios significativos devido às questões políticas e de restrições de modernização no passado.

2.2.2 Equador

Em fevereiro de 2024, o Equador ratificou importantes acordos de cooperação militar com os Estados Unidos. Os acordos focaram na realização de operações conjuntas de combate a atividades ilícitas, como tráfico de drogas, armas, pessoas e pesca ilegal. Esses acordos permitem uma colaboração mais estreita entre as forças de segurança do Equador e dos Estados Unidos, melhorando a capacidade do Equador de responder a ameaças transnacionais e fortalecendo suas operações de segurança interna. A cooperação inclui não apenas operações conjuntas, mas também um componente de formação e capacitação, reforçando assim o compromisso de longo prazo entre ambos os países para lidar com desafios de segurança regionais e globais, bem como a doação de equipamentos militares às Forças equatorianas.

Essa parceria é parte da estratégia mais ampla dos EUA para “aumentar a estabilidade e a segurança nas Américas”, apoiando nações parceiras como o Equador a fortalecer suas próprias capacidades de segurança e governança. Essa parceria estratégica tem sido comparada com o antigo Plano Colômbia. Apesar das cifras serem bem mais modestas, a parceria tem objetivos bastante próximos.

Decorrente do acordo com os EUA, o Equador enfrentou tensões diplomáticas com a Rússia devido à possível transferência de equipamentos militares russos para os EUA, no valor US\$ 200 milhões. Esta possibilidade inclui a troca de helicópteros russos Mi-17 por helicópteros *Black Hawk*. O *Federal Service for Military-Technical Cooperation* (FSTMC) da Rússia expressou preocupações significativas sobre essa transferência, citando uma violação do acordo de cooperação técnico-militar existente entre o Equador e a Rússia, que proíbe a cessão de produtos militares russos para terceiros sem consentimento prévio, demonstrando que a influência russa no EQUADOR não é recente.

Essa situação desencadeou geopolíticas entre os três países, enquanto o Equador tenta equilibrar seus laços diplomáticos com a Rússia, embora busque reforçar a segurança e as capacidades militares com o apoio dos Estados Unidos. Todavia, a decisão de prosseguir com a transferência, apesar das objeções russas, indica uma possível reorientação da política externa e de defesa do Equador em favor de uma colaboração mais estreita com os EUA.

2.2.3 Guiana

O Governo guianense planeja reestruturar a Força de Defesa da

Guiana (GDF) para melhorar sua flexibilidade. Para isso, o País assinou acordos militares bilaterais com a CHINA, FRANÇA e os EUA, com objetivo de reestruturar as suas capacidades terrestres, marítimas, aéreas e cibernéticas num contexto de crescente tensão militar com a Venezuela, sobre o seu território de Essequibo.

Em Nov 2023, a Guiana e os EUA fortaleceram sua parceria militar de longo tempo, por meio de exercícios conjuntos e planos de cooperação que incluem sessões de planejamento estratégico e melhorias nas capacidades militares de ambos os países. Esses objetivos foram destacados durante encontros entre a *United States Army First Security Force Assistance Brigade* (SFAB) e a GDF. Os treinamentos incluem áreas como vigilância cibernética e combate a crimes transnacionais. O Departamento de Defesa dos EUA reforçou seu compromisso em continuar essa colaboração estratégica, especialmente considerando a posição estratégica da Guiana e os desafios de segurança regional enfrentados por aquele país. Essas iniciativas fazem parte da citada estratégia mais ampla para manter a paz e a estabilidade na região, reforçando a soberania e a integridade territorial da Guiana em face das ameaças externas, sejam elas regionais ou extrarregionais.

No mesmo período, a Guiana e a França reafirmaram seu compromisso de fortalecer a cooperação militar durante uma visita à Guiana, de um delegado militar destacado na Guiana Francesa. Ambos os países discutiram a importância da paz e segurança regional e expressaram o compromisso contínuo para manter forte amizade e cooperação. Este encontro é parte de uma série de interações militares visando a melhorar a estabilidade na região, especialmente, em resposta às tensões criadas pela Venezuela, sobre o contencioso da região de fronteira com a Guiana.

No contexto de segurança e defesa, não há indicações específicas de novos acordos militares entre Guiana e China. Inicialmente, a colaboração parece se concentrar mais no desenvolvimento econômico e da infraestrutura, com a China se mostrando um parceiro estratégico importante, apoiando a Guiana em seus esforços para se transformar em uma nação produtora de petróleo e melhorar sua infraestrutura, o que facilita possível surgimento de oportunidades na área de defesa e segurança.

Essas iniciativas são parte de um esforço contínuo para melhorar a segurança regional e a capacidade de resposta a ameaças transnacionais, contribuindo para a estabilidade nacional e regional no que se refere à Guiana.

2.2.4 Peru

Atualmente, o PERU está trabalhando para melhorar suas capacidades

militares, por meio de aquisições de equipamentos militares com empresas estrangeiras, como a aquisição de 30 (trinta) veículos blindados 8x8 de uma empresa sul-coreana e de 10.000 (dez mil) fuzis israelenses ARAD-7. Essa proposta faz parte de um esforço mais amplo para modernizar suas forças armadas em resposta às ameaças crescentes. Em 2022, foram adquiridos de 6 (seis) Helicópteros SH-3H Sea King, de origem estadunidense.

O foco em aprimorar suas capacidades de guerra antissubmarina inclui a modernização de suas capacidades com equipamentos e tecnologias avançadas, refletindo em investimento significativo em defesa, o que, possivelmente, continuará a crescer até 2028. A Espanha tem sido um parceiro chave nesses esforços, fornecendo equipamentos e experiência que são cruciais para o desenvolvimento das capacidades militares peruanas.

Com os Estados Unidos, o Peru participa de exercícios militares conjuntos, como o *Bilateral Jungle Operations Exchange*, que ocorreu em Iquitos, envolvendo tropas dos EUA e da Marinha Peruana. Essas atividades visam a melhorar as capacidades militares e a interoperabilidade entre as forças envolvidas. Em adição, o Comando Espacial dos EUA firmou um acordo de compartilhamento de dados de conscientização situacional no espaço com a Comissão Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Aeroespacial do Peru e com a Força Aérea Peruana, visando à segurança e sustentabilidade das operações espaciais.

Em relação à China, desde 2008, os dois países buscaram reforçar o acordo para aumentar a cooperação em tecnologia e ciência militares. Este acordo faz parte de um relacionamento mais amplo que, também, inclui laços econômicos e culturais. Em 2022, a China doou ao Peru veículos blindados 8x8, ponte autopropulsada, além de veículos de apoio, incluindo SUVs, ônibus, ambulâncias e veículos de combate a incêndio. Esta doação faz parte dos esforços da China fortalecer laços de cooperação em segurança com o Peru e da expansão e modernização da frota de veículos blindados peruana, com objetivo de atualizar suas capacidades de defesa.

A Alemanha e Peru chegaram a um acordo na área de Segurança Pública, em 2024, estabelecendo: um intercâmbio estreito de informações sobre os métodos e abordagens dos grupos de crime organizado; programas de formação e de educação continuados voltados para o aperfeiçoamento de profissionais da área de segurança; e em projetos de cooperação internacional para combater o crime organizado transnacional.

Os acordos descritos são parte de uma estratégia mais ampla do Peru para melhorar suas capacidades de defesa e segurança através de parcerias internacionais, respondendo tanto às necessidades internas quanto aos desafios de segurança regional.

2.2.5 Uruguai

URUGUAI e a CHINA assinaram um acordo de cooperação em Defesa em 2023, seguindo um pacto similar assinado em 2018, entre Montevideo e Moscou. Esse acordo visa a aprofundar a colaboração entre os ministérios da defesa de ambos os países, focando em áreas como pesquisa e aquisição de bens e serviços de defesa, apoio logístico em operações de manutenção da paz, além de treinamento combinado e exercícios. O acordo, também, destaca a importância da assistência humanitária em caso de desastres e a cooperação em questões antiterrorismo. O estabelecimento de uma parceria estratégica mais abrangente com a China, tem como objetivo fortalecer suas capacidades militares e de resposta a desastres de grande porte por intermédio de parcerias estratégicas internacionais.

O acordo militar de longa data do URUGUAI com os EUA tem se concentrado, principalmente, em fortalecer as capacidades de operar em missões de manutenção da paz e de resposta a desastres. Desde 2008, os EUA empregaram mais de \$35 milhões em treinamento e no fornecimento de equipamentos em apoio às citadas operações de manutenção da paz, da Iniciativa Global de Operações de Paz (GPOI). Esse apoio inclui a doação de veículos, inclusive para a Engenharia, bloqueadores de dispositivos explosivos improvisados, helicópteros e aparelhos de visão noturna, destacando a colaboração significativa em esforços de segurança e defesa.

2.3 PAÍSES ALINHADOS MILITARMENTE À RÚSSIA, CHINA E IRÃ

2.3.1 Bolívia

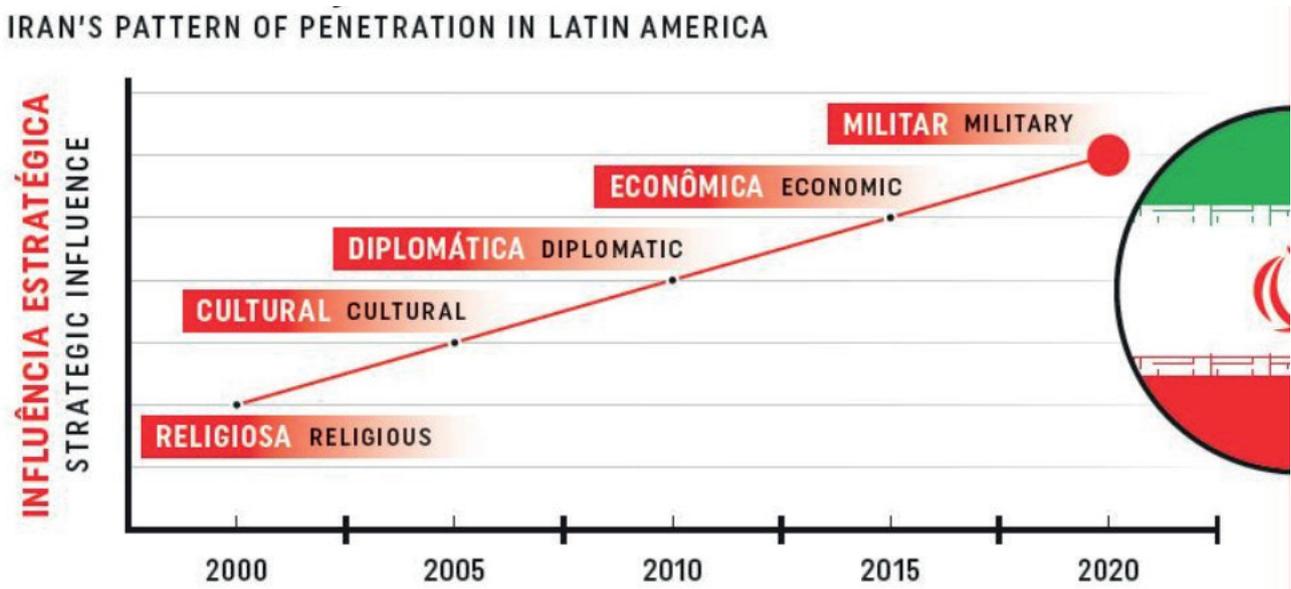
A Bolívia e a Rússia têm uma história de cooperação militar, particularmente na área de defesa. Em 2016, a Rússia reforçou o seu papel significativo ao ajudar a Bolívia a revitalizar o seu arsenal militar. A dinâmica desta relação é influenciada pelos interesses estratégicos de ambas as nações na região, com a Rússia visando a manter e, potencialmente, expandir a sua influência na América Latina.

Em 2020, a Bolívia firmou acordos significativos na área de defesa e segurança com a China, refletindo uma tendência de fortalecimento nas relações bilaterais, particularmente em contextos estratégicos e comerciais. Um dos aspectos mais notáveis desses acordos é o envolvimento do Exército de Libertação Popular da China (PLA, sigla em inglês) na América Latina, que se manifestou nas vendas de armas, e em intercâmbios institucionais e de educação militares. Essas interações também fazem parte de uma abordagem mais ampla da China, que visa apoiar regimes aliados e facilitar um mundo multipolar que

apoie o desenvolvimento comercial chinês.

Em JUL 23, o IRÃ assinou com a BOLÍVIA um tratado de cooperação em segurança e defesa na busca de expandir sua influência na América Latina, por meio de acordos estratégicos de exportações de material militar (figura 1). Com isso, a tecnologia de veículos aéreos não tripulados (VANT) iranianos faria parte de uma cooperação mais ampla em defesa e segurança com o Irã. Essa parceria incluiu não só a provisão de drones, mas também serviços de manutenção para aeronaves bolivianas e assistência em questões de segurança cibernética e controle de fronteiras. O uso do VANT seria para combater o narcotráfico e monitorar as fronteiras, bem como, de certa forma, permitiria a transferência de tecnologia.

Figura 1 - Padrão de Penetração do Irã na América Latina



Fonte: Site Diálogo Américas (2022)

2.3.2 Cuba

Cuba tem sido historicamente o principal aliado da Rússia no Hemisfério Ocidental, por constituir uma plataforma estratégica para a Rússia para possíveis presenças militares russas na ilha. As recentes interações entre os líderes russos e cubanos sublinham um compromisso contínuo em reforçar esta relação, ao desenvolver em conjunto uma série de projetos no campo técnico-militar que até o presente momento não foram divulgados.

Em maio de 2023, foi anunciado um acordo que permite que as empresas russas utilizem terras cubanas por até 30 anos, durante um fórum empresarial em Havana. A medida faz parte de um esforço mais amplo para atrair investimento estrangeiro com objetivo de resolver a escassez de bens essenciais,

como alimentos e combustível. Em julho de 2023, o navio de treinamento da Marinha russa *Perekop* atracou por 03(três) dias em Cuba, seguindo após para uma visita à Nicarágua e à Venezuela. As recentes demonstrações novas interações entre os líderes russos e cubanos, que sublinham um compromisso contínuo, desde a guerra fria.

Imagem 01 - Navio de treinamento militar russo Perekop no porto de Havana



Fonte: AFP

Em Novembro de 2023, a China divulgou sua intenção em apoiar Cuba na defesa da soberania nacional. Tanto a China como a Rússia estão aproveitando as condições existentes em Cuba para aprofundar a cooperação entre todos os elementos do poder nacional.

Em junho de 2024, a Rússia desdobrou parte de seu poder naval para Cuba, que incluiu 03(três) navios de guerra e um submarino com propulsão nuclear. Nas visitas, ocorridas entre 12 e 17 de junho do corrente ano, foram realizadas atividades militares, dentro do contexto de promoção e continuação do relacionamento militar e político entre Cuba e a Rússia.

É provável que medidas e declarações da China e da Rússia quanto à condução de atividades na área de defesa e segurança na ilha cubana, possam incluir presença de destacamentos militares estrangeiros num futuro próximo, que representariam potencial ameaça aos EUA e instabilidade regional.

2.3.3 Nicarágua

A Nicarágua renovou sua relação de colaboração militar com a Rússia,

que inclui o envio recorrente de tropas russas para treinamentos e outras atividades, como parte de um acordo de defesa mútua. Desde 2017, os russos mantêm um centro de treinamento policial em MANÁGUA, esse acordo foi ampliado em 2024 por 10 anos, podendo ser renovado por mais uma década. As forças russas realizariam funções de aplicação da lei (algo semelhante à garantia da lei e da ordem - GLO), além do combate ao crime organizado e ao tráfico de drogas, missões de ajuda humanitária, resgate e busca em situações de emergência ou desastres naturais. Além disso, a colaboração militar entre os dois países, também, fornecendo equipamentos militares modernos, incluindo veículos blindados, como o T-72, substituindo os modelos mais antigos da era da Guerra Fria.

Além disso, a Nicarágua tem buscado expandir suas relações com a China, focando no reforço econômico e estratégico. O Governo da Nicarágua nomeou, em AGO 23, um brigadeiro-general para ocupar a função de adido militar em Pequim, o que indica uma priorização das relações militares entre Nicarágua e China. Em setembro do mesmo ano, houve encontros entre altos oficiais de segurança dos dois países para explorar a expansão da colaboração em treinamento policial.

A relação da Nicarágua com o Irã também merece referência, especialmente no contexto de oposição às políticas hegemônicas dos EUA. A colaboração entre os dois países tem sido endossada em várias frentes, incluindo a defesa e a economia, com o Irã mostrando suporte às políticas internas da Nicarágua e compartilhando experiências para superar sanções e pressões internacionais.

A Rússia, China e Irã desempenham papéis significativos no fortalecimento das capacidades militares da Nicarágua, cada um contribuindo de maneira única para a agenda estratégica do país.

A Nicarágua tem utilizado a migração ilegal como arma contra os EUA, facilitando a entrada de migrantes no Continente, principalmente de Cuba e Haiti, além de africanos e asiáticos embarcados em voos da Europa. Considerada o principal problema interno dos EUA, a imigração tem polarizado as instituições norte-americanas, atendendo os interesses das Potências antagônicas. Essa rede de alianças fortalece a posição internacional nicaraguense e sua capacidade de resistir a influências externas.

2.3.4 Venezuela

A Venezuela tem fortalecido significativamente suas relações militares com a Rússia e China nos últimos anos, o que tem gerado consequências profundas tanto para a região quanto para a política interna venezuelana.

Uma parceria robusta tem sido construída com a RÚSSIA desde meados dos anos 2000, tendo este país se tornado o principal fornecedor de armamentos

para os militares venezuelanos com vendas que incluem aviões de combate, sistemas de mísseis, de proteção antiaérea e blindados (como exemplo: SUKHOI SU-30, o Sistema PECHORA e o T-72, respectivamente), ultrapassando o valor US\$ 10 bilhões em *hardware*. Além de fornecer armas, a Rússia participa de exercícios militares conjuntos com a Venezuela e enviou bombardeiros capazes de carregar armas nucleares para o país vizinho do Brasil, como demonstração de força e apoio. A cooperação também inclui ajuda econômica, como a reestruturação de mais de \$3 bilhões em dívidas soberanas da Venezuela por Moscou em 2017, permitindo que o país atenda a seus compromissos com outros credores, permitindo investimento nos setores de defesa.

No que se refere à aproximação com a China, a Venezuela tem sido um dos parceiros proeminentes na cooperação militar e de defesa. O governo chinês forneceu equipamentos e o acesso a tecnologias militares, incluindo radares e aeronaves militares. Adiciona-se que os dois países participaram de exercícios militares conjuntos e programas de treinamento, destinados a melhorar as capacidades dos militares venezuelanos. Como resultado dessa parceria, a China auxilia na modernização de capacidades militares venezuelanas ao fornecer suporte técnico e de infraestrutura.

Essas parcerias demonstram o alinhamento estratégico da Venezuela com Rússia e China, servindo como um contraponto às pressões internacionais lideradas pelos Estados Unidos e refletindo na crescente complexidade geopolítica da região.

No caso específico do Irã, a colaboração militar estabelecida é significativa com a Venezuela, especialmente e, em áreas que permitem a transferência de tecnologia para a possível produção de VANTs e outros equipamentos militares. Esta colaboração se intensificou após a assinatura de um plano de cooperação de 20 anos entre os dois países, em 2022, o qual inclui aspectos de defesa e segurança. Em destaque, está o UAV (sigla utilizada pelos iranianos para VANT) Mohajer-10 que é a evolução significativa da série Mohajer, oferecendo melhorias substanciais em alcance, *payload* (capacidade de carga) e versatilidade operacional em comparação com seus predecessores. O UAV foi oficialmente apresentado em 2023 e se destaca por sua capacidade de realizar missões prolongadas de até 24 horas com alcance operacional de 2.000 quilômetros. O Mohajer-10 pode transportar até 300 kg de carga, incluindo várias munições inteligentes e equipamentos de guerra eletrônica, ampliando, assim, suas capacidades em vigilância e em combate.

O fornecimento de VANT de combate à Venezuela a serem operados pelas Forças Armadas Venezuelanas, demanda atenção sobre possível utilização destes para atividades militares na região. Essas aeronaves, além de outros

equipamentos militares, como a doação das lanchas rápidas ZOLFAGHAR, aumentando o poder de combate da Marinha venezuelana, que poderiam ser usados em operações que provocassem a insegurança regional, dado a possível presença de grupos que representam o Irã no país.

Ademais, o envolvimento militar do Irã na Venezuela inclui treinamentos e potencial transferência de tecnologia para produção local de equipamentos militares além dos citados VANTs, consolidando uma presença estratégica iraniana na América Latina, que vai além do simples apoio logístico, abrangendo uma parceria mais profunda em defesa.

Essas atividades têm gerado instabilidades internacionais, a partir da possibilidade de que tais equipamentos militares possam ser usados não apenas pelas forças armadas venezuelanas, mas também, por grupos armados irregulares, colaborado com a instabilidade regional.

2.4 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

A complexidade da política global de defesa e segurança fica evidente nas recentes publicações estratégicas, principalmente, elaboradas por potências como Estados Unidos, China e Rússia. Essas potências têm a capacidade de influenciar a política externa dos demais países da América Latina: na adaptação às dinâmicas globais das diversas aproximações bilaterais, multilaterais ou multipolares; na segurança regional; no desenvolvimento de capacidades de defesa e segurança; e na autonomia de seus aliados e parceiros.

A nova Estratégia Nacional dos EUA apresenta a necessidade de reforçar parcerias econômicas e políticas para a América Latina. O documento reflete um reconhecimento estadunidense sobre a importância estratégica da região, com a proposta de fortalecer laços em uma base mais igualitária e cooperativa. Cabe destacar, em tempos de escassez, o interesse dos EUA nos recursos naturais e minerais existentes na região. A Estratégia é orientada por várias prioridades: integração e enfrentamentos a desafios comuns.

O atual conceito de Política Externa da Federação Russa, de 2023, reflete uma continuidade das visões anteriores da Rússia como uma grande potência, com ênfase crescente nas relações regionais e no desenvolvimento de um sistema multipolar global. Especificamente em relação à América Latina, a Política Externa russa, não detalha de forma intensa os laços de defesa, mas Moscou tem demonstrado um interesse contínuo em fortalecer as relações com a região, como parte de sua estratégia mais ampla de diversificar suas parcerias, além da Europa e dos EUA, principalmente, através de acordos de venda de armamento e cooperação técnico-militar. O conceito reafirma a disposição da Rússia de proteger e apoiar seus aliados e parceiros, apesar das

críticas internacionais e das tensões geopolíticas, especialmente, destacando seu papel autodeclarado em “manter a paz e a segurança em níveis global e regional”, mesmo em face dos conflitos contínuos, como o caso na Ucrânia.

O livro *“China’s National Defense in the New Era”*, lançado em 2019, reflete as contínuas prioridades de defesa chinesas, enfatizando a modernização e o desenvolvimento das capacidades militares daquele país. O texto se apresenta como uma resposta às estratégias de defesa dos EUA. Para a América Latina, os impactos são menos diretos, mas significativos em termos de equilíbrio geopolítico e de segurança. A presença crescente da China na América Latina, por meio de investimentos e parcerias pode ser vista sob uma nova ótica, com essas diretrizes de defesa. A política chinesa para a região inclui a proteção de seus interesses, sugere maior influência, o que pode afetar dinâmicas locais, bem como as relações entre os países latino-americanos e outras potências, especialmente os Estados Unidos. Para exemplificar, o aumento do investimento chinês em tecnologias avançadas, como inteligência artificial e cibersegurança, sugere que a cooperação tecnológica e de segurança entre a China e países da América Latina tende a intensificar-se, trazendo tanto oportunidades quanto desafios de segurança para a região.

A presença do Irã na América Latina é mais discreta ao se comparar com a da Rússia e a da China, mas não é menos significativa. A relação iraniana com países na América Latina é parte de uma estratégia para expandir sua influência e criar uma rede de aliança (SWAN, 2022), que contrabalanceiem as pressões geopolíticas ocidentais. Esta cooperação inclui compromissos para aquisição de sistemas avançados de defesa e possíveis transferências de tecnologia militar mais sofisticada.

Assim, entende-se que a presença estratégica de Rússia, China e Irã tem impactos significativos para a geopolítica da América Latina no curto prazo, com reflexos para a política externa brasileira.

3 CONCLUSÃO

Esta conclusão joga luz sobre a presença e possível influência de potências extrarregionais na América Latina e o papel das potências ocidentais, o que têm redefinido o cenário de segurança e defesa na região, trazendo consequências e incertezas significativas e desafiadoras. Este panorama globalizado e multipolar exige dos países latino-americanos, especialmente do Brasil, uma avaliação cuidadosa de suas política externas e de defesa para navegarem com menos insegurança neste ambiente de competição geopolítica crescente, onde cada potência busca ampliar sua influência e salvaguardar seus interesses estratégicos já auferidos.

O entrante com maior capacidade de penetração é a China, que tem se destacado pela sua diplomacia de “*soft power*” e investimentos estratégicos, tornando-se um parceiro econômico vital para muitos países da região, incluindo o Brasil. Este amplo relacionamento tem potencial para se traduzir em parcerias e, indiretamente, fortalecer sua posição na área de segurança, o que poderia alterar o equilíbrio de poder regional significativamente.

Por outro lado, a RÚSSIA não tem conseguido expandir sua influência na AL por meio de acordos militares e venda de armamentos. A guerra com a UCRÂNIA fez com que MEM de países da AL ficassem sem manutenção, em situação de indisponibilidade. Os EUA, bem como países europeus, têm buscado vender seus MEM em substituição aos russos, que estão inoperantes.

Esses esforços visam a, não apenas, expandir a influência geopolítica da Rússia na região, mas também gerar receitas e fortalecer laços políticos com governos que compartilham de uma visão geopolítica multipolar e que demonstram o desejo de se distanciarem da influência dos EUA. No entanto, é importante notar que a extensão real da influência russa na América Latina ainda é limitada se comparada com outras regiões do mundo, não alcançando o mesmo nível de visibilidade ou de importância estratégica que as relações militares estadunidenses alcançaram com países latino-americanos, no decorrer de décadas.

O Irã, embora de forma mais discreta, tem tentado fortalecer laços ideológicos e políticos que podem influenciar as dinâmicas políticas e de segurança na América Latina. No entanto, esses laços não alcançaram o mesmo nível de visibilidade ou de importância estratégica que as relações iranianas estabeleceram com outras regiões, como no próprio Oriente Médio ou em outras regiões da Ásia.

Em contraste, as potências ocidentais lideradas pelos Estados Unidos têm uma longa história de influência política e militar na América Latina e continuam a desempenhar um papel significativo, embora o modo de interação esteja se transformando. Os EUA, em particular têm demonstrado uma maior conscientização sobre as consequências negativas da intervenção excessiva, uma abordagem mais pragmática em relação aos desafios geopolíticos e à crescente competição na região, com outros atores globais, como a China, o Irã e a Rússia. Diante dessa realidade, recentemente, os EUA têm tentado redefinir sua postura na região frente, aos desafios impostos pelos rivais globais, procurando formas de cooperação que respeitem mais a soberania e as decisões autônomas dos países latino-americanos. Esse posicionamento estadunidense pode enfraquecer a influência de outros atores globais, como China e Rússia, e, potencialmente, fortalecer a posição do Brasil como uma potência regional.

Países europeus como França e Espanha, embora com uma presença menos marcante em termos de segurança, mantêm laços importantes com a região, por meio de acordos diplomáticos e de cooperação em defesa, como treinamento militar e vendas de armas. De forma mais perceptível, continuam a exercer influência através de cooperação econômica e diplomática. O Ministério da Defesa do Reino Unido revê regularmente a sua presença militar no Atlântico Sul, em particular, nas Ilhas das Malvinas, que pode provocar novo foco de tensão.

Para o Brasil, estas mudanças representam tanto oportunidades quanto desafios. A capacidade de manter uma política externa equilibrada e aproveitar ao máximo as diferentes parcerias oferecidas pelas potências extrarregionais e ocidentais pode fortalecer sua posição geopolítica e suas capacidades de defesa. No entanto, isso também exige uma análise profunda das condições e implicações de cada aliança para garantir que elas estejam alinhadas com os interesses nacionais brasileiros. O alinhamento geopolítico do Brasil deve, portanto, ser cuidadosamente gerido para evitar dependências e assegurar que as parcerias estratégicas realmente contribuam para a segurança nacional e para o desenvolvimento sustentável.

Em suma, a influência crescente de potências extrarregionais defensoras de um multilateralismo mais assertivo, associada à redefinição da influência ocidental, está remodelando o panorama de segurança e defesa na América Latina, que não apenas respondam às ameaças tradicionais, mas também, considerem as complexidades da influência estrangeira em um mundo cada vez mais multipolar. Para o Brasil, isso significa navegar com prudência e estratégia nesse cenário complexo, avaliando cada aliança não só pela sua conveniência imediata, mas pelo seu impacto em longo prazo na soberania e na estabilidade regional.

Diante da crescente incidência de crimes transnacionais e seus impactos diretos nas estratégias de defesa da região e, também, o advento da guerra híbrida, que opera frequentemente na ambígua ‘zona cinza’, torna-se imperativo que as nações da ALC coordenem suas estratégias de segurança de maneira mais integrada e eficaz. A colaboração regional não apenas potencializa o combate às ameaças, mas também reforça a relevância da defesa das fronteiras nacionais em um contexto geopolítico em constante evolução, haja vista que as lacunas na segurança têm impactado a defesa.

Nesse contexto, o Brasil precisa reforçar a sua política externa e o seu empenho em **manter a América do Sul, em particular, como uma área de baixo risco para a eclosão de conflitos**. Assim sendo, participar das atividades de defesa na região, que envolvam a cooperação e a integração dos países latino-americanos, bem como o fortalecimento de alianças bilaterais e multilaterais para o enfrentamento de desafios comuns de segurança e defesa, como forma de promover a segurança e a estabilidade regionais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, 1988. Acesso em: 23 Abr 2023.

CHINA. The full official English translation of the 2019 Chinese Defense White Paper, China's National Defense in a New Era. Disponível em: https://english.www.gov.cn/archive/whitepaper/201907/24/content_WS5d3941ddc6d08408f502283d.html. Acesso em: 20 Abr 2024.

RUSSIA. The Concept of the Foreign Policy of the Russian Federation. Moscow, The Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation, 2023. Disponível em: https://mid.ru/en/foreign_policy/fundamental_documents/1860586/. Acesso em: 16 Abr 2024.

UNITED STATES. THE WHITE HOUSE. National Security Strategy. Washington, D.C., 2022. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2022/10/Biden-Harris-Administrations-National-Security-Strategy-10.2022.pdf> . Acesso em: 10 abr. 2024.

ELLIS, Robert Evan. Iran Re-Engagement with Latin American. <https://revanellis.com/Iran%E2%80%99s%20Re-engagement%20with%20Latin%20America%20-%20R%20Evan%20Ellis.pdf>. Acesso em 29 mai. 2024.

HUMIRE, Joseph M. Iran's Pattern of Penetration in Latin America, Dialogo Americas, 28 de janeiro de 2022. <https://dialogo-americas.com/articles/irans-pattern-of-penetration-in-latin-america/> Acesso em 20 abr. 2024.

NADIMI, Farzin. Iran May Be Outsourcing Kamikaze Drone Production to Venezuela, The Washington Institute for Near East Policy, <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/iran-may-be-outsourcing-kamikaze-drone-production-venezuela> Acesso em 28 mai.2024

SEELKE, Clare Ribando. El Salvador: background and U.S. relations. Congressional Research Service, January 29, 2024. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R47083>. Acesso em: 24 mai. 2024

SWAN, McKayla. Foreign Authoritarian Influence in Latin America: Iran's Growing Reach, International Republic Institute, 22 de agosto de 2022. <https://www.iri.org/news/foreign-authoritarian-influence-in-latin-america-irans-growing-reach/> Acesso em 26 mai.2024.



QUARTEL-GENERAL DO EXÉRCITO
Bloco A, 70630-970, Brasília-DF.
(61) 3415-4120/4638
www.ceeex.eb.mil.br
ceeex@eme.eb.mil.br
facebook.com/ceeexeb

ANÁLISE 04/2024 - JUNHO DE 2024